

O GEOPARQUE DO ARARIPE: SURGIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO, ESTADO E SITUAÇÃO ATUAL

José Antonio B Sabadia¹; Cynthia Romariz Duarte²

¹ UFC; ² UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

RESUMO: O presente trabalho pretende avaliar o surgimento, a maneira de implantação o estado e a situação atual do Geoparque do Araripe, o primeiro geoparque das Américas da rede UNESCO, localizado na região do Cariri cearense, sul do estado. O trabalho representa, em seu sentido amplo, uma grande preocupação com a primeira incursão brasileira, e sua manutenção, no seleto hall da rede de geoparques da UNESCO (Global Geoparks Network). As eventuais críticas merecem ser compreendidas como um alerta para a consecução de esforços que efetivamente induzam a realização, consolidação e manutenção do primeiro geoparque brasileiro e das Américas. Em setembro de 2006 a Divisão de Ciências da Terra da UNESCO reconheceu na 2nd UNESCO Conference on Geoparks, em Belfast, Irlanda, o Geoparque do Araripe como primeiro Geoparque das Américas (dossiê de postulação junto a UNESCO: Application Dossier for Nomination Araripe Geopark, State of Ceará, Br. Univ. Hamburg/URCA/DAAD). O Geoparque do Araripe foi então materializado através de nove sítios de interesse para visitação, definidos pela sua relevância geológica e paleontológica e que receberam a denominação de "geotopes", a época. Hoje em dia a denominação utilizada (talvez a mais adequada) parece ser "geossítio", buscando-se evitar neologismos ("geossítios"). Na sua trajetória de consolidação o Geoparque do Araripe e o geoturismo da região do Araripe vêm esbarrando numa série de dificuldades, esquecendo o necessário bem-estar dos residentes locais, perpassando governos e não conseguindo se estabilizar. Os totens que trazem as informações dos locais de visitação encontram-se abandonados (em sua maioria) e com péssima infraestrutura de acessos (quando há). As dificuldades para se chegar a alguns geossítios são gritantes. Alguns totens foram equivocadamente locados/situados; ou fora da unidade geológica que pretendem destacar ou em locais de instabilidade geotécnica e de risco. Apedrejados, depredados pela população local que, simplesmente não reconhece "aquilo" como patrimônio seu, guardam informações com graves dificuldades de linguagem, tanto científica quanto, coloquial. Os textos de divulgação científica não falam aos cientistas e pesquisadores nem a população local (os sertanejos). O volume de texto apresentado nos totens de divulgação é grande e desnecessário (há orientações sobre isso). A coluna estratigráfica amplamente apresentada e divulgada foge completamente da estratigrafia tradicionalmente reconhecida para a região e isso é grave. Trabalhos basilares, amplamente conhecidos pela comunidade geológica, foram simplesmente deixados para trás. A simples regularização e unificação da situação fundiária e cartorial das áreas dos geossítios não foi implementada. Ou seja, o Geoparque do Araripe não existe nem no papel.

PALAVRAS-CHAVE: GEODIVERSIDADE; GEOTURISMO; GESTÃO.